

BOLETIM DE CONJUNTURA

66

preços de venda

carteira de encomendas

2019

estudo dos negócios

4º TRIMESTRE

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

No último trimestre de 2019, a apreciação das empresas de calçado sobre a conjuntura setorial voltou a melhorar, particularmente entre as empresas de maior dimensão e com maior vocação exportadora. A maioria das empresas entende que o estado dos negócios foi suficiente, sendo mais as que pensam que foi bom do que as consideram que foi mau. No entanto, a produção e as encomendas registaram uma evolução desfavorável, tendo aumentado as referências das empresas a escassez de encomendas, tanto de clientes nacionais como estrangeiros. Consequentemente, registou-se também uma tendência para a redução do emprego na indústria.

As previsões macroeconómicas para os principais mercados do calçado português sugerem que 2020 será um ano de débil crescimento económico e as expectativas das empresas para o próximo trimestre são de estabilidade da conjuntura setorial. A produção não deverá registar alterações substanciais, mas existe a expectativa de algum aumento das encomendas do estrangeiro, particularmente entre as empresas que têm apostado menos na exportação.

Publicação Trimestral editada pela



Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucédâneos

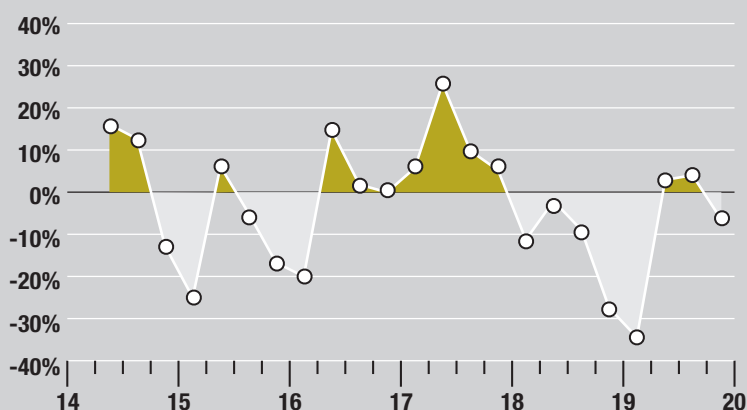
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

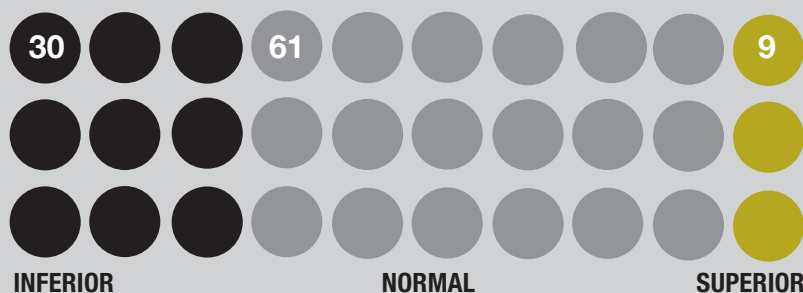
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

A maioria das empresas inquiridas (54%) considera que, no último trimestre de 2019, o seu nível de produção permaneceu inalterado. Tal como previsto no final do trimestre anterior, os casos de diminuição da produção foram um pouco mais frequentes do que os de aumento, gerando um saldo de respostas extremas negativo (-6 pontos percentuais). As empresas que se dedicam totalmente à exportação fazem, no entanto, um retrato mais positivo da situação, com mais indicações de estabilidade (63%) e s.r.e. positivo (+13 p.p.).



Utilização da Capacidade



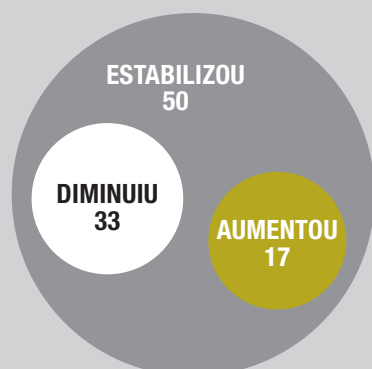
Quase dois terços (61%) dos inquiridos consideram que a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. Entre as empresas de maior dimensão (mais de 250 trabalhadores) esta percentagem atinge mesmo os 86%. Os casos de utilização da capacidade acima do normal são, no entanto, escassos (9%), resultando num saldo de respostas extremas negativo (-21 p.p.) que é comum a todas classes de dimensão e orientação exportadora.

Carteira de Encomendas

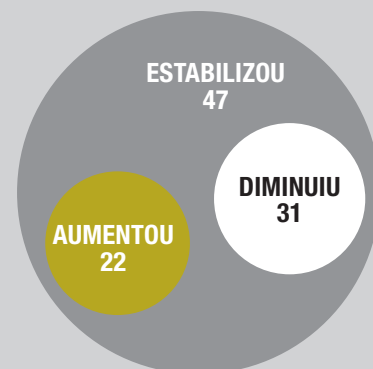
Metade dos inquiridos afirma que, no trimestre anterior, a sua carteira global de encomendas permaneceu estável, sendo esta percentagem particularmente elevada entre as empresas totalmente exportadoras (66%) e entre as de maior dimensão (71%). Contudo o trimestre ficou aquém das expectativas, com os casos de redução da carteira a superarem os de aumento, particularmente entre as empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional.

No que respeita à carteira de encomendas do estrangeiro, a estabilidade foi também a resposta mais frequente (47%), mas o saldo de respostas extremas foi mais favorável (-9 p.p.), porque quase um quarto das empresas (22%) indicaram ter reforçado a carteira. As pequenas empresas foram as que conseguiram um melhor desempenho nesta matéria, apresentando um saldo de respostas extremas positivo.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



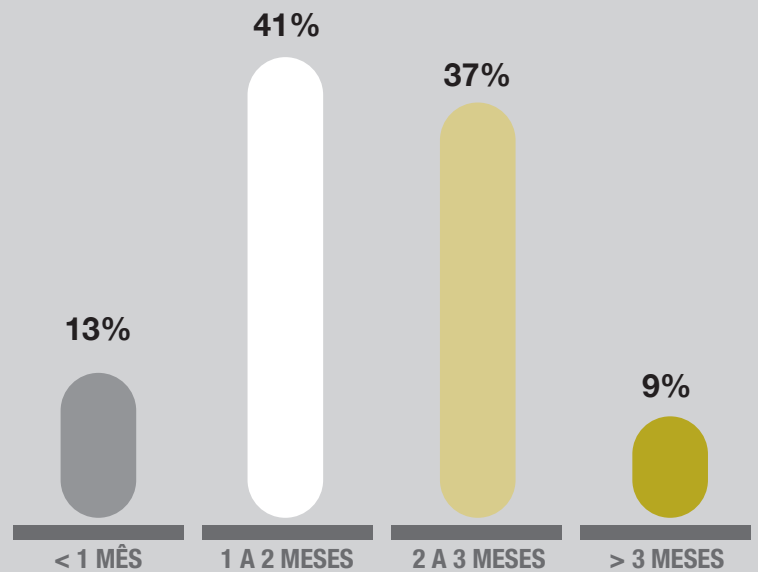
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

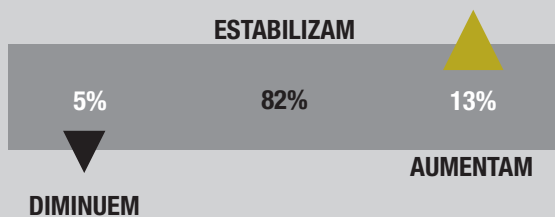
A avaliação que as empresas fazem do tempo de produção assegurado pela carteira de encomendas não se alterou significativamente. Tal como no 3º trimestre, 13% das empresas declaram que só têm a produção assegurada para o mês seguinte, enquanto que a percentagem das que dizem ter encomendas para 1 a 2 meses de atividade aumentou ligeiramente, de 38% para 41%. As empresas de maior dimensão mostram-se mais otimistas do que as restantes.



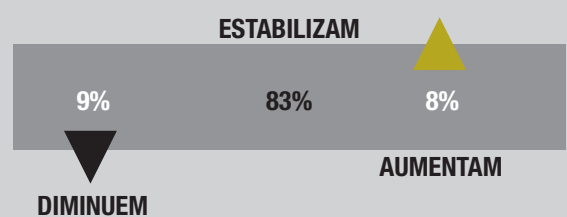
Preços

Os preços de venda apresentam tendências de evolução diferentes em Portugal e no estrangeiro. Em ambos os casos, a larga maioria das empresas (82% e 83%, respetivamente) entende que os preços permaneceram estáveis. No entanto, enquanto que relativamente a Portugal as respostas de sentido negativo superam as positivas (s.r.e. -8 p.p.), no que respeita ao estrangeiro passa-se o oposto (s.r.e. +1 p.p.). Em Portugal, há um forte contraste entre as respostas das maiores empresas, que apresentam saldo claramente positivo, e as das mais pequenas, com saldo muito negativo.

EM PORTUGAL



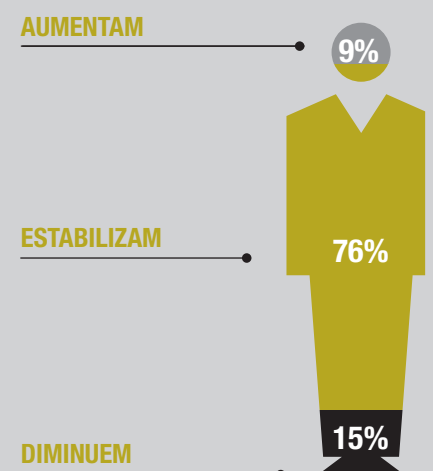
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

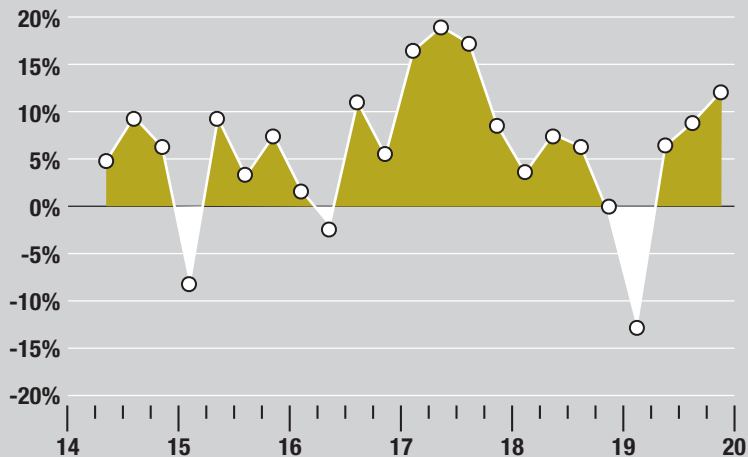
Apesar da debilidade da conjuntura, mais de três quartos das empresas (76%) afirmam não se ter registado qualquer alteração no número de pessoas ao seu serviço. Como seria de esperar, há mais respostas de sentido negativo do que positivo, mas o saldo de respostas extremas foi de apenas -6 pontos percentuais, o menos negativo do último ano e meio. Entre as empresas de maior dimensão e entre as totalmente exportadoras, houve mesmo mais casos de aumento do que de diminuição do emprego.



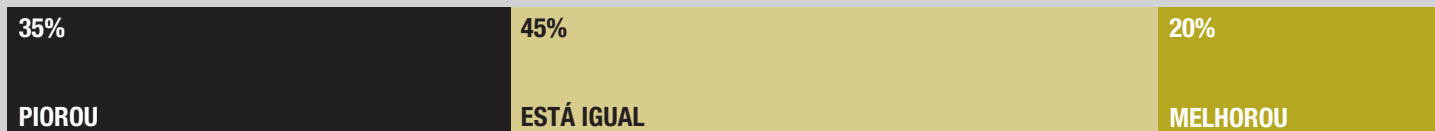
Estado dos negócios

A avaliação global do estado dos negócios continuou a melhorar, contrariando as previsões formuladas no final do terceiro trimestre. Quase dois terços (62%) das empresas consideram que o estado dos negócios no último trimestre de 2019 foi suficiente e as que entendem que foi bom superam em 12 pontos percentuais as que julgam que foi mau. Este foi o saldo de respostas extremas mais positivo desde meados de 2017.

No entanto, as empresas que entendem que o estado dos negócios no quarto trimestre de 2019 foi melhor do que no quarto trimestre de 2018 são menos (20%) do que as que pensam o inverso (35%), revelando alguma ambiguidade na avaliação da conjuntura. Quase metade dos inquiridos (45%) consideram que o estado dos negócios não se alterou nesse período.



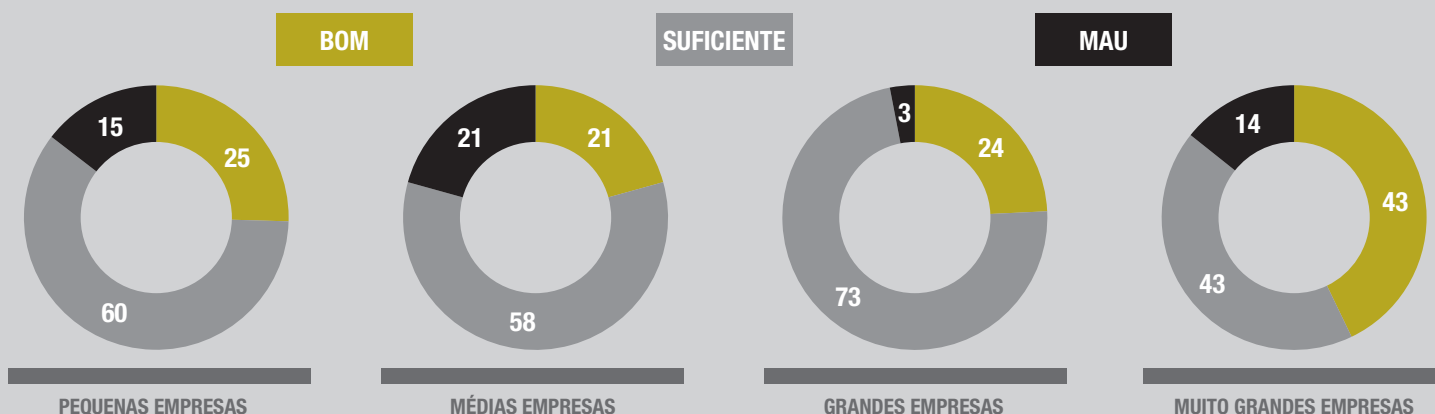
PERÍODO HOMOLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

A avaliação que as empresas fazem do estado dos negócios é tendencialmente mais favorável entre as de maior dimensão e as mais orientadas para os mercados externos: 43% das empresas com mais de 250 trabalhadores declararam que o estado dos negócios no trimestre em análise foi bom, enquanto

essa percentagem não ultrapassou os 25% em nenhum dos outros escalões de dimensão. E entre as empresas totalmente exportadoras, o s.r.e. atingiu 29 p.p., quando foi inferior a 10 p.p. nos outros escalões de orientação exportadora.



Limitações à produção

As indicações dos inquiridos quanto às principais limitações que enfrentam continuam a apontar para uma conjuntura marcada sobretudo pela debilidade da procura. A escassez de encomendas de clientes estrangeiros é a dificuldade mais referida, sendo mencionada por 60% das empresas, mas registou-se também um aumento, para 34%, das referências a escassez de encomendas de clientes nacionais. A referência a estes fatores é particularmente frequente entre as empresas de pequena e média dimensão.

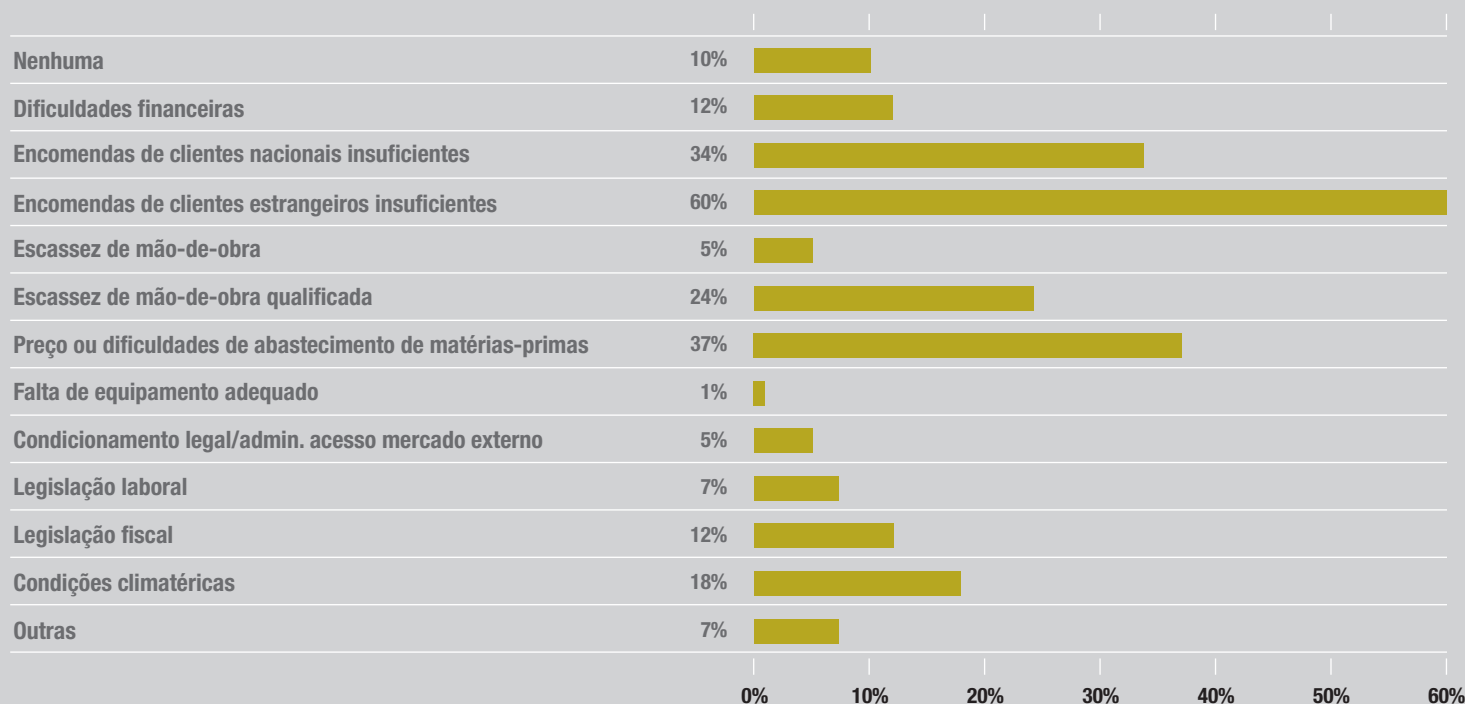
Dada a insuficiência da procura, não surpreende que a mão-de-obra tenha vindo a perder relevo entre as preocupações setoriais: as referências a escassez de mão-de-obra caíram para 5%, o valor mais baixo dos últimos três anos. Cerca de um quarto (24%) das empresas considera existir escassez de mão-de-obra

qualificada, mas também esta percentagem se encontra próxima dos níveis mais baixos registados desde o início de 2017. A falta de equipamento não se encontra, igualmente, entre as principais preocupações dos empresários. Em contrapartida, mesmo na conjuntura atual, o abastecimento em matérias-primas é mencionado por mais de um terço (37%) das empresas, surgindo mesmo na segunda posição das principais limitações.

No último trimestre, verificou-se uma diminuição nas referências a todas as limitações que se prendem com a atuação do Estado. Destas, a mais invocada é a legislação fiscal, mencionada por 12% dos inquiridos, um nível, apesar de tudo, historicamente elevado. Apenas 7% das empresas mencionam agora a legislação laboral e só 5% falam de condicionamentos legais e administrativos no acesso a mercados externos.

As condições climáticas continuam a preocupar, sendo mencionadas por 18% das empresas, mas encontram-se agora ao nível mais baixo dos últimos dois anos. Depois da melhoria registada no trimestre anterior, voltaram a aumentar as referências a dificuldades financeiras que preocupam 12% das empresas, sendo mais comuns entre as empresas de menor dimensão.

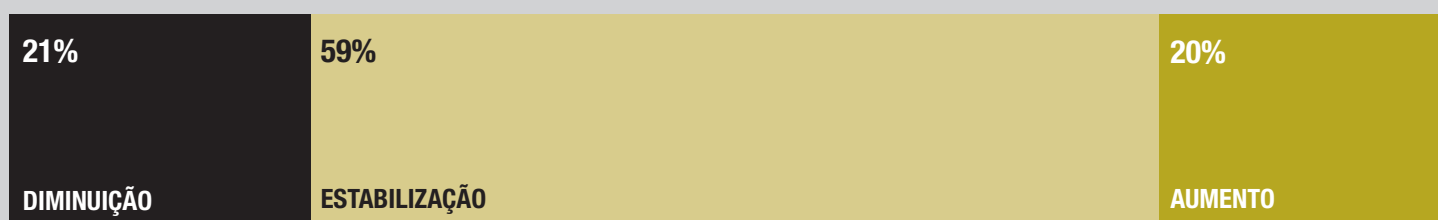
Tal como no trimestre anterior, 10% das empresas afirmam não enfrentar nenhuma limitação, mas esta percentagem atinge os 20% entre as empresas que se dedicam totalmente à exportação e 29% entre as que têm mais de 250 trabalhadores.



Tendências da produção

As previsões dos inquiridos apontam para que, no primeiro trimestre de 2020, a produção do setor permaneça inalterada: 59% das empresas preveem que assim aconteça e as restantes distribuem-se quase por igual entre as opções de aumento e diminuição,

resultando num s.r.e. de apenas -1 p.p. Este saldo está inversamente relacionado com a orientação exportadora das empresas, atingindo +13 p.p. entre as que se dedicam apenas ao mercado nacional, mas sendo de -8 p.p. entre as totalmente exportadoras.

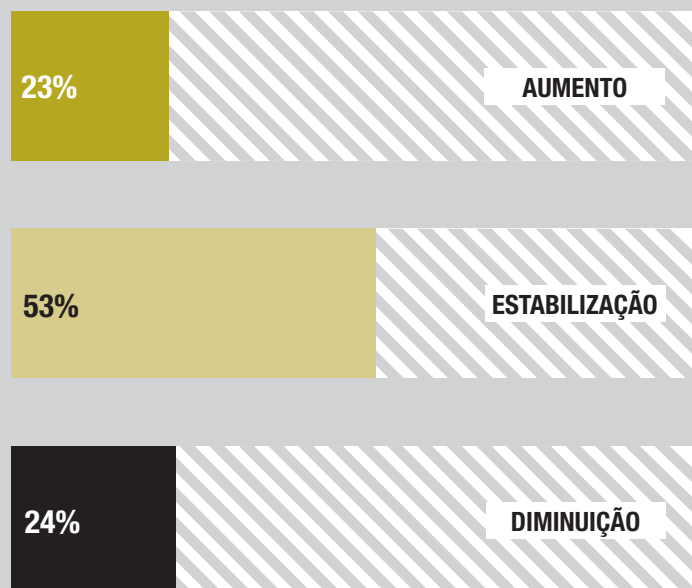


Perspectivas de encomendas

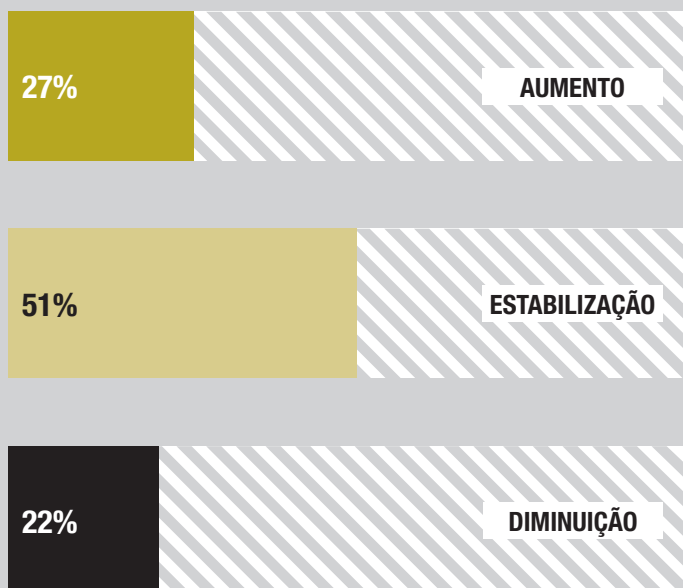
As perspetivas para a carteira global de encomendas são semelhantes às formuladas para a produção: embora as indicações de estabilidade sejam menos (53%), o saldo de respostas extremas é idêntico (-1 p.p.). As perspetivas para a carteira de encomendas do estrangeiro são mais

favoráveis, com as previsões de aumento a superarem em 5 pontos percentuais as de diminuição. Este saldo é particularmente acentuado entre empresas que, até agora, têm tido níveis de exportação reduzido, revelando uma expectativa de reforço da orientação exportadora.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

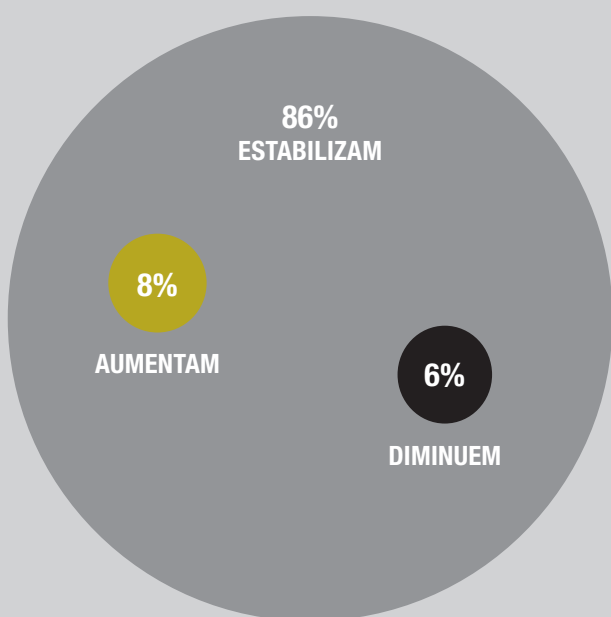


Perspetivas de preços de venda

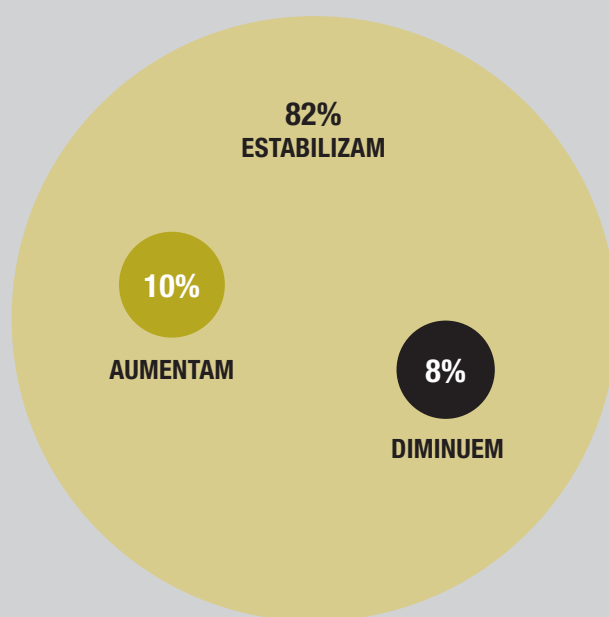
Ao contrário do que aconteceu no trimestre transato, as previsões para a evolução dos preços em Portugal e no estrangeiro são muito semelhantes. Em ambos os casos, regista-se uma larga predominância das indicações de estabilidade (86% e 82%, respetivamente), acompanhada de um saldo de respostas extremas de +2 p.p. que sugere

uma ligeira tendência de crescimento dos preços. As empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional são as que mostram maior expectativa de aumento dos preços, com um s.r.e. de +19 p.p. para o mercado português.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

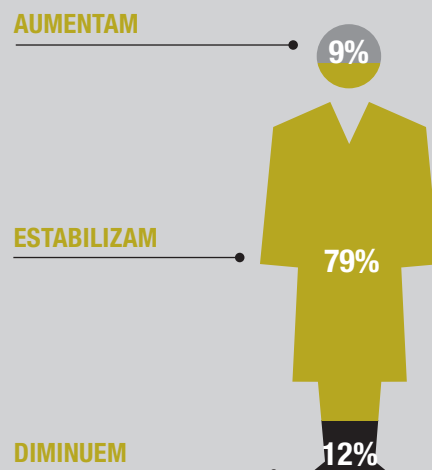


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



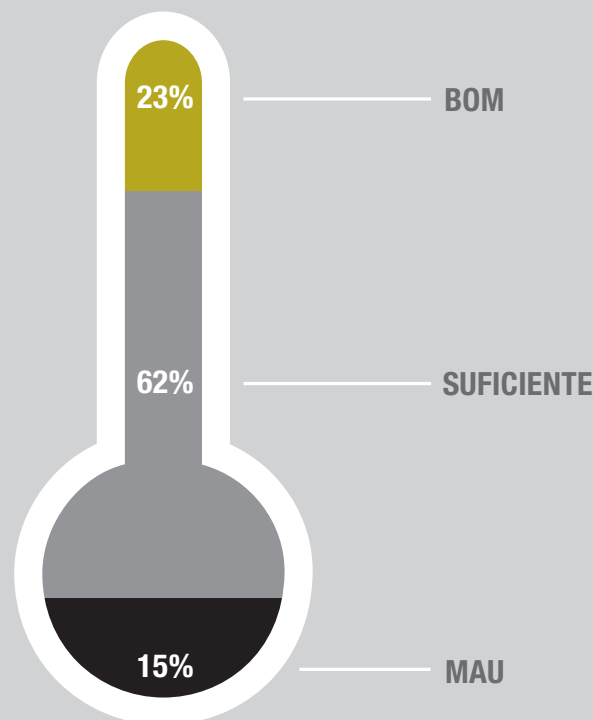
Perspetivas sobre o emprego

Relativamente ao emprego, o início do ano não deverá alterar as tendências que têm vindo a ser observadas: 79% das empresas não planeiam alterar o número de pessoas ao seu serviço mas, entre as restantes, as que esperam a sua redução excedem ligeiramente (-3 p.p.) as que preveem o seu aumento. As empresas de maior dimensão e as mais orientadas para os mercados externos mostram-se, no entanto, mais otimistas, apresentando saldos positivos.



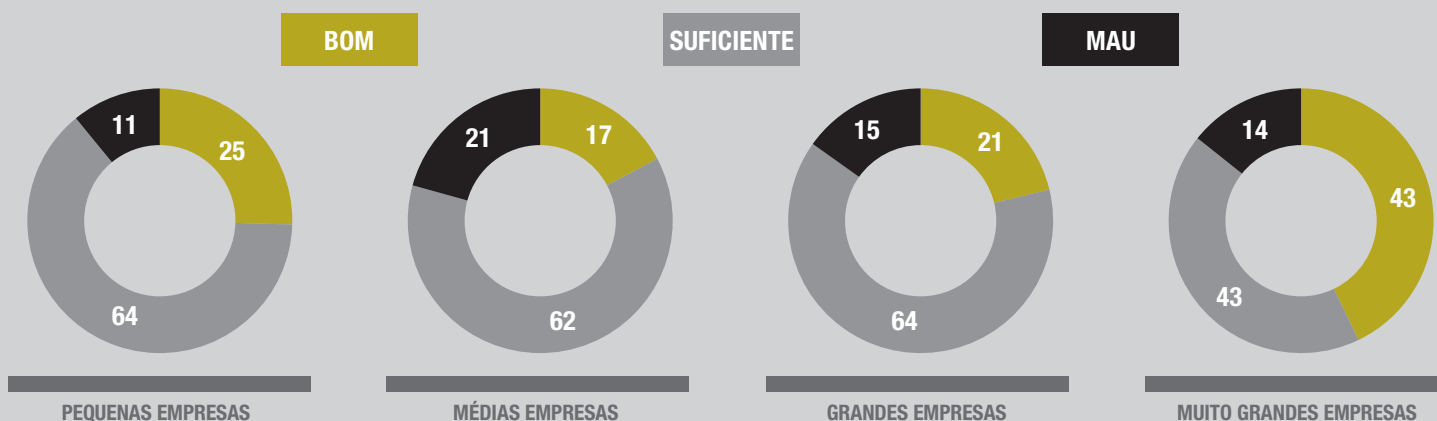
Perspetivas sobre o estado dos negócios

As previsões para o estado dos negócios são as mais favoráveis dos últimos dois anos, mas ficam aquém do verificado no quarto trimestre. Quase dois terços das empresas (62%) preveem que o estado dos negócios será suficiente e as que acreditam que será bom excedem em 8 pontos percentuais as que receiam que seja mau. Os inquiridos acreditam também que o estado dos negócios no início de 2020 será idêntico ao registado no primeiro trimestre de 2019: 56% das empresas dizem que assim acontecerá e as restantes distribuem-se em igual número pelas previsões de que será melhor e pior.



Apuramento dos resultados

As empresas de maior dimensão e mais forte orientação exportadora formulam as previsões mais favoráveis quanto ao estado dos negócios (s.r.e. +29 p.p. e +22 p.p., respetivamente) e quanto à sua evolução face ao período homólogo do ano anterior (s.r.e. +29 p.p. e +13 p.p., respetivamente). No entanto, não há uma relação linear entre estas características e o otimismo das previsões: as previsões mais desfavoráveis vêm das empresas de média dimensão e das que exportam 75% a 95% da sua produção.

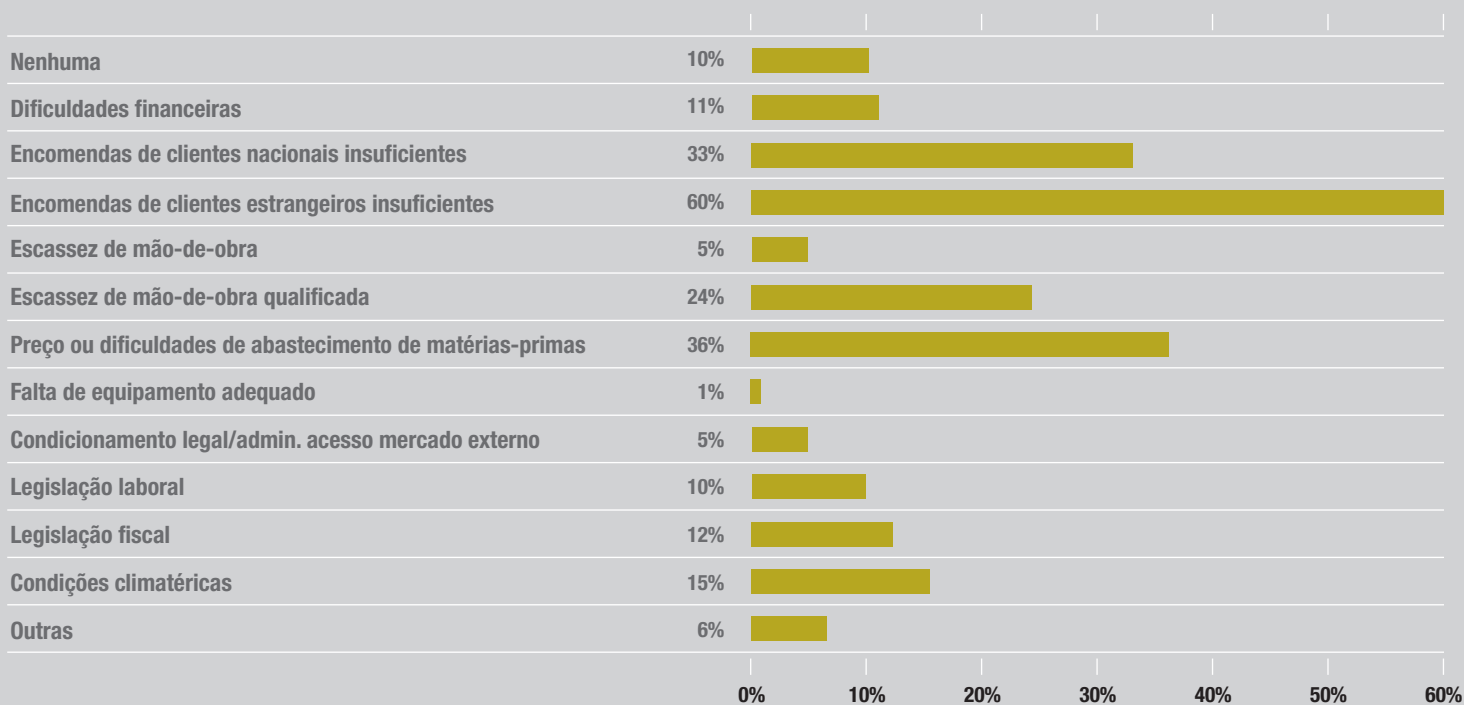


Limitações previstas

Para o início de 2020, de uma forma geral, as empresas esperam a manutenção ou um ligeiro abrandamento das limitações que sentiram no último trimestre de 2019. A percentagem de empresas que indica cada uma das três principais limitações – insuficiência de encomendas do estrangeiro, abastecimento de matérias-primas e

insuficiência de encomendas nacionais – é inferior em um ponto percentual à das que as indicaram no trimestre anterior. O mesmo acontece relativamente às dificuldades financeiras e a outras dificuldades não especificadas. Quanto às condições climáticas, há um abrandamento um pouco mais acentuado, de 3 p.p.

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



A única exceção a este padrão de estabilidade ou ligeira diminuição são as limitações decorrentes da legislação laboral, que 10% das empresas esperam sentir no próximo trimestre, enquanto só 7% dizem ter sentido no trimestre transato. Há também um ligeiro crescimento na percentagem de empresas que não esperam ter nenhuma dificuldade.

Notas de Conjuntura

Na atualização do seu World Economic Outlook realizada em janeiro, o Fundo Monetário Internacional continuou a rever em baixa as suas previsões para a economia mundial, tal como já tinha feito em outubro:

“Prevê-se que o crescimento global suba dos estimados 2,9 por cento em 2019 para 3,3 por cento em 2020 e 3,4 por cento em 2021 – uma revisão em baixa de 0,1 pontos percentuais para 2019 e 2020 e 0,2 para 2021 por comparação com o previsto no World Economic Outlook (WEO) de outubro. A revisão em baixa reflete sobretudo surpresas negativas para a atividade económica em alguns mercados emergentes, nomeadamente a Índia, que levaram a uma reavaliação das perspetivas de crescimento para os próximos dois anos. (...)”

Pela positiva, o sentimento nos mercados foi estimulado por sinais pouco consolidados de que a atividade industrial e o comércio global estão a estabilizar, por uma mudança alargada para políticas monetárias acomodáticas, por notícias favoráveis intermitentes sobre as negociações entre os EUA e a China e pela diminuição dos receios de um Brexit sem acordo, levando a algum recuo do ambiente de busca de proteção contra o risco que se tinha instalado no momento do WEO de outubro. No entanto, há ainda poucos sinais visíveis de pontos de inversão nos dados macroeconómicos globais. (...)”

Entre as economias avançadas, prevê-se que o crescimento estabilize em 1,6 por cento em 2020-2021 (...). Nos Estados Unidos, espera-se que o crescimento abrande de 2,3 por cento em 2019 para 2 por cento em 2020 e decline adicionalmente para 1,7 por cento em 2021. (...) Prevê-se que o crescimento na área euro acelere de 1,2 por cento em 2019 para 1,3 por cento em 2020 em 1,4, em 2021. (...) As projeções do WEO de outubro de 2019 para a França e Itália permanecem inalteradas mas as projeções de 2020 foram reduzidas para a Alemanha, onde a atividade industrial permanece em terreno negativo no final de 2019, e para Espanha, devido ao impacto de um abrandamento mais forte do que esperado na procura interna e nas exportações em 2019.”*

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, janeiro 2020

De acordo com o FMI, em 2020, todas as economias dos principais mercados externos do calçado português crescerão menos de 2%.

O NECEP, da Universidade Católica Portuguesa, publicou em janeiro a sua mais recente análise sobre a economia portuguesa:

“O crescimento anual de 2019 terá sido de 2.0%, uma descida face aos 2.4% de 2018, mas continuando a recuperação económica iniciada em 2013. O NECEP estima ainda que, no 4º trimestre de 2019, a taxa de desemprego terá subido de 6.1% para 6.7%, em parte como resultado de efeitos sazonais, com os indicadores disponíveis a sinalizarem ausência de evolução em termos homólogos. Em 2019, o investimento terá crescido cerca de 7.7%, um bom registo, mas insuficiente para sustentar a continuação da recuperação do PIB claramente acima dos 2% ao ano. As exportações terão crescido 2.5%, um pouco menos que as importações, mas sem colocar em causa o equilíbrio das contas externas. E o consumo privado terá crescido 2.3%, um pouco acima do PIB.”

Para 2020, o NECEP mantém a sua projeção de um cenário central de crescimento do PIB de 1.9%. Esta estimativa encerra riscos, expressos num intervalo de previsão entre 1.3% e 2.5%, decorrentes da intensificação dos fatores de incerteza, nomeadamente, ao nível da economia da zona euro, onde as perspetivas se mantêm frágeis e sem evolução face a 2019. O ponto central da previsão do NECEP para o crescimento da zona euro em 2020 é de 1.2%.”

NECEP – Católica Lisbon Business & Economics, Síntese da Folha Trimestral de Conjuntura nº 59 - 4º Trimestre de 2019, janeiro 2020

Na sua proposta de orçamento para 2020, o governo português prevê um crescimento económico de 1,9%. As previsões da maioria das instituições nacionais e internacionais são ligeiramente inferiores, entre 1,6% e 1,8%.

P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S